

Fig. 1.43, 1.44 e 1.45- Abertura e evolução da Avenida Diagonal a partir da Praça de la Glórias. Anos 1996, 1999 e 2009, respectivamente.

Os espaços públicos nos interiores dos quarteirões

O conceito de “ruralizar o urbano e urbanizar o rural” proposto por Cerdà demonstra a importância que concedia ao equilíbrio destes dois universos e aos espaços verdes, que são os principais instrumentos para alcançar a purificação da atmosfera, descongestionamento da cidade e diminuição da densidade populacional²⁰. Mas ruralizar o que era urbano não significava apenas introduzir pedaços de vegetação nas casas e bairros, e sim possibilitar a combinação da quietude e isolamento próprios do campo com o movimento e a sociabilidade típicos



Fig. 1.46- Jardins de Montserrat Roig.



Fig. 1.47- Jardins de Safo.

Além dos grandes parques distribuídos nas unidades espaciais que propunha para o Ensanche, cada quarteirão deveria contar com um pátio central ajardinado. Esta combinação de espaço edificado com espaço verde livre facilita o equilíbrio campo-cidade na trama urbana e também para os habitantes.

Sua preocupação com a higiene e saúde pública é um valor que conduz todo o processo de concepção do Ensanche. Os pátios ajardinados também são frutos desta higiene tão necessária para a cidade do século XIX, já que, além das funções sociais que exercem no papel de espaços públicos, são elementos fundamentais para efeitos de luz e ventilação. Por isso, Cerdà afirma ser indispensável que em cada quarteirão metade da superfície seja destinada aos espaços verdes- pátios, jardins, hortas ou outros espaços livres.

A forma edificada do Ensanche assenta-se em três decisões básicas: o volume do quarteirão, a definição edificada de seu perímetro e a existência de um pátio interior²¹. Em relação a este espaço livre, Cerdà²² afirma que

“Cuando la reunión de varias casas yuxtapuestas viene a cerrar una manzana o isla, el conjunto de los jardines de todas las casas deja en el centro de la isla un espacio sin edificar, que para los efectos de luz y ventilación, está con todas las casas de una manzana en la misma relación que el patio de una casa particular tiene con las habitaciones que le son contiguas”.

²⁰ Manzanares, Pilar. (2010). *La modernidad de Cerdà y su visión de futuro*. Jornal El Mundo. Caderno Tendències. p. 2.

²¹ VVAA. (1992). *Treballs sobre Cerdà i el seu Eixample a Barcelona*. Barcelona, p. 231.

²² VVAA. (1992). *Treballs sobre Cerdà i el seu Eixample a Barcelona*. Barcelona, p. 229.

A princípio, Cerdà realizou propostas bastante distintas para a distribuição dos edifícios na superfície dos quarteirões:

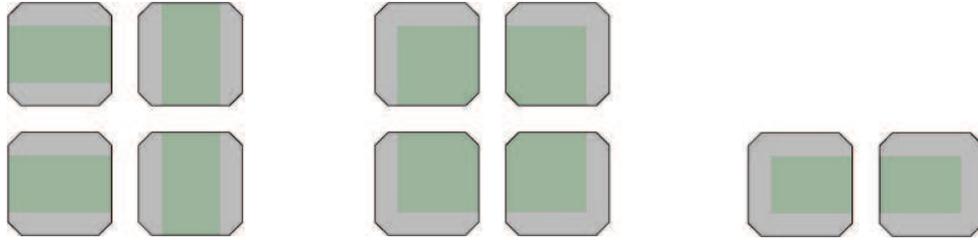


Fig. 1.48- Modelo com blocos paralelos: grandes jardins longitudinais atravessam a rua; agrupações e giros interessantes de parcelamento.

Fig. 1.49- Modelo em "L": Amplo quadrado edificado, atravessado por ruas perpendiculares e com quatro jardins unidos em um.

Fig. 1.50- Modelo em "U": Um lado com edificação mais baixa para serviços ou equipamentos; formalização do pátio.

Estes três modelos principais de ocupação do quarteirão e suas derivações criariam um jogo de volumes variados, rompendo com a regularidade da malha. Porém, a efetivação do projeto opunha-se à vontade de maximizar os aproveitamentos privados. Cerdà ocupa-se de ajustar alguns aspectos para tornar seu projeto mais viável, sem abdicar de suas questões fundamentais. Com isso, foram aprovadas ordenações que levaram a fechar o quarteirão em seus quatro lados com edifícios de até cinco andares e ocupar a maior parte do espaço livre interior.

Os pátios que surgem no interior propiciam uma continuidade espacial que enriquece a composição da quadrícula. Eles absorvem o tecido urbano, favorecendo a ventilação e iluminação natural aos edifícios em seu redor, e por isso são denominados por muitos como "micro-pulmões verdes" da cidade. São lugares agradáveis e tranquilos que aumentam a qualidade de vida dos residentes, funcionando como "cidades dentro da cidade". Solà-Morales²³ declara que

"(...) los grandes patios interiores, extensos como plazas, donde la intimidad doméstica se combina con una sensación de compañía vecinal, discreta y distante. Y tiene un microclima envidiable".

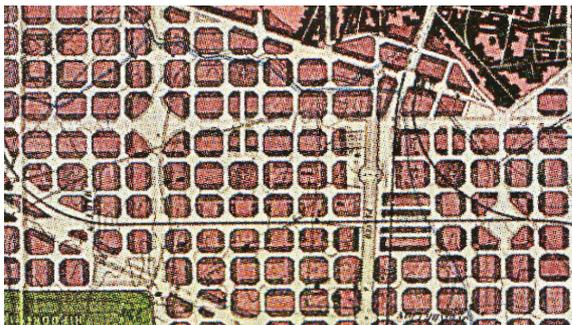


Fig.1.51- Mapa com disposições variadas dos modelos de ocupação do quarteirão segundo as concepções de Cerdà.



Fig.1.52- Vista aérea de um fragmento do Ensanche com destaque para os pátios nos interiores dos quarteirões.

²³ de Solà-Morales, M. (2010). *Cerdà/Ensanche*. Barcelona, p. 138.

Estes espaços singulares apresentam tamanhos variados com usos diversos que reúnem atividades complementárias. Cada pátio possui configuração interna única, especialmente em seus acessos, originando novos espaços públicos, trajetos urbanos, fachadas e até mesmo ruas. Independentemente de sua tipologia, tais espaços livres fazem parte indissociável do quarteirão edificado e formam uma realidade urbana contínua e homogênea.

Em consequência da densificação do Ensanche, tentou-se conseguir um maior aproveitamento do quarteirão através da utilização do pátio²⁴. Sua configuração foi-se alterando através de sua ocupação indiscriminada, perdendo a essência proposta por Cerdà. No entanto, como foi visto, o processo de recuperação deste setor posto em prática desde a década de 80 com o Modelo Barcelona, vêm potencializando a reabilitação de muitos pátios como espaços públicos.



Fig.1.53- Atual Jardín M. Matilde Almendros, antes de sua recuperação.



Fig.1.54- Atual Jardins d'Ermessenda de Carcassona, antes de sua recuperação.

O acesso aos pátios é um aspecto fundamental para sua valorização e influencia diretamente no grau de permeabilidade ao quarteirão. A permeabilidade mínima ocorre quando não há alteração na volumetria do quarteirão fechado e o acesso acontece através de um corredor no térreo do edifício.

Outra forma de acesso ocorre através de uma fissura no volume da edificação, ou seja, uma pequena descontinuidade edificatória que torna o pátio mais permeável, potencializando a relação do interior do quarteirão com o exterior da rua. Em determinados casos, tal fissura surge a partir de uma diferenciação volumétrica entre os edifícios que formam acesso ao interior do quarteirão criando outros contextos urbanos neste espaço de transição.

Para aumentar consideravelmente a permeabilidade entre a rua e o interior do quarteirão é possível produzir uma abertura que resulta em uma relação mais direta entre os espaços. A diferença entre interior e exterior já não se apresenta tão clara e o acesso passa a funcionar como parte da via pública.

²⁴ Busquets, Joan; Gómez Ordoñez, José Luis. (1983). *Estudi de l'Eixample*. Barcelona, p. 16.

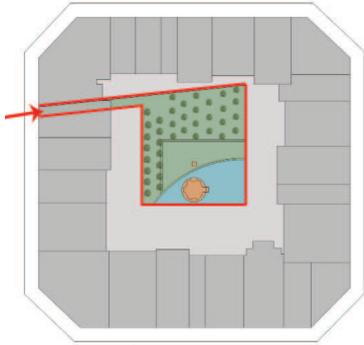


Fig. 1.55- Pátio de les Agues: 1.517 m².



Fig. 1.56- Acesso tipo "passagem" a partir de um corredor aberto na fachada do volume edificado.

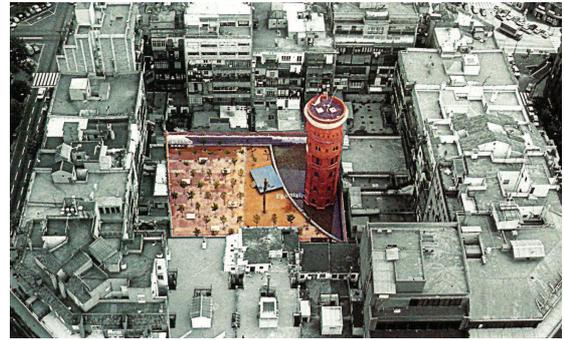


Fig. 1.57- Vista oblíqua do primeiro pátio a ser recuperado, que aproveita a antiga torre de águas e a destaca como elemento de património no espaço público criado.

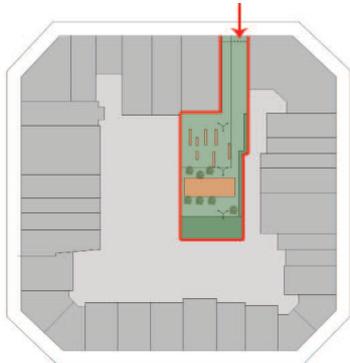


Fig. 1.58- Pátio Joan Brossa: 1.120 m².



Fig. 1.59- Acesso tipo "fissura", com abertura controlada através de um portão. É estabelecido aí um espaço de transição fluido entre a calçada da rua e o pátio interior.



Fig. 1.60- Vista oblíqua. Nota-se a vegetação e o interessante mobiliário urbano proposto que configuram um espaço público de caráter doméstico para a trama do Ensanche.

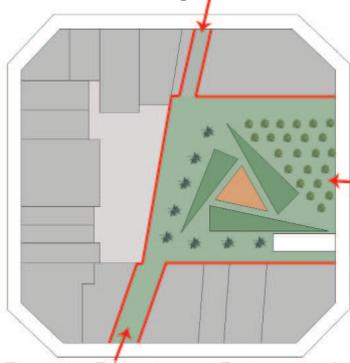


Fig. 1.61- Pátio Antoni Puigvert: 4.055 m².



Fig. 1.62- Acesso principal tipo "abertura". Porém, há outros dois acessos adicionais, um tipo "passagem" e outro tipo "fissura" que criam novo trajeto urbano que atravessa o quarteirão edificado.



Fig. 1.63- Vista do pátio. A abertura completa de um lado do quarteirão integra diretamente a praça à rede de espaços livres.

Apesar de muitos interiores de quarteirão funcionarem como espaços públicos dos edifícios ao seu redor, em vários casos eles se aproveitam das condições espaciais do lugar e introduzem atividades que diversificam seu uso inicial. Para isso, uma acessibilidade permeável e atividades apropriadas que aconteçam no térreo são fundamentais para o êxito do espaço interior.

Caso tal permeabilidade não seja possível, existem alguns recursos que ajudam a destacar o acesso, como a utilização de paredes de valor arquitetônico, o emprego de tratamentos de acabamento construtivo, ou a integração de elementos vegetais que rompam com a dureza visual das edificações construídas. Se existe permeabilidade, as soluções são mais fáceis, como por exemplo, o acesso direto ao pátio pelo térreo ou a criação de elementos de fechamento que permitam o controle, no caso de pátios privados.

A dimensão dos espaços nos interiores dos quarteirões é um fator relevante, relacionado ao seu processo de gestão e ao resultado das ordenações anteriormente estipuladas. Existem pátios menores, com caráter mais íntimo e doméstico, e outros bastante amplos que incorporam todo o interior do quarteirão. Cada um deles apresenta características, funções e usos distintos, contribuindo, assim, para a diversidade funcional presente no tecido do Ensanche e criando uma rede de espaços públicos. São espaços de contraste e diversidade que aportam algumas contribuições urbanas que merecem ser destacadas²⁵.

-Os interiores dos quarteirões vinculam o espaço aberto a um traçado de vias de pedestres, integrando dois tipos de tecido urbano. Esta associação complementa a função de circulação e de estar e incentiva a ocorrência de distintas atividades em um mesmo lugar.

-A revalorização de uma passagem pré-existente presente no quarteirão pode ser potencializada através da continuidade estabelecida entre o pátio e a passagem.

-O acesso ao interior do quarteirão pode ser feito através de um equipamento urbano, com um corredor que conduz os pedestres até o interior quarteirão, enfatizando a relação entre o Ensanche e seus pátios.

-O traçado em diagonal dentro do quarteirão fragmenta o espaço de distintas formas e gera propostas de diversidade tipológica.

-A dualidade de espaços abertos é formalizada quando o acesso ao interior do quarteirão é realizado com a fissura, resultando na incorporação de um novo espaço aberto à parte exterior. Esta combinação espacial fornece mais espaços livres para a trama do Ensanche.

-Finalmente, os interiores dos quarteirões podem criar novas vias para a rede urbana, quando a abertura da edificação dispõe de largura suficiente, e apresenta uma urbanização cuidada. Esta nova rua estabelece uma transição mais fluida e agradável entre a rede viária do Ensanche e os pátios interiores.

²⁵ Busquets, Joan; Corominas i Ayala, Miquel. (2009). Cerdà i la Barcelona del futur: realitat versus projecte. Barcelona, p.216.



Fig.2.1. Pátio de les Aigües, primeiro pátio público do Ensanche.

2 Revisão do Plano Cerdà no contexto do Modelo Barcelona

Com a eleição de 1979, a democracia recém conquistada desencadeou um alto número de iniciativas em todas as frentes. Em Barcelona, a nova política introduzida pelo prefeito Narcís Serra gerou melhorias pontuais rápidas e visíveis por toda a cidade, que se encontrava em crise econômica. O centro histórico apresentava um quadro de degradação geral e os bairros da periferia estavam extremamente carentes de infra-estrutura.

Por outro lado, havia uma reação social significativa por parte dos residentes, que requeriam a recuperação urbanística imediata, neste novo contexto democrático. A cidade apresentava um interessante potencial urbano, com seu monumental centro histórico e com seu emblemático Ensanche, flexível, diverso e equilibrado.

Estes fatores foram o ponto de partida para o denominado Modelo Barcelona, rápido processo de transformação da cidade a partir dos seus espaços públicos e equipamentos que continuam presentes até os dias de hoje. Segundo Borja¹, havia cinco elementos comuns nos projetos qualificados como uma estratégia global de desenvolvimento urbano. Primeiramente, uma estratégia social, que buscava responder à importante demanda de movimentos públicos. O segundo elemento é a multifuncionalidade dos projetos, que com uma única ação deveriam responder a vários problemas e estimular a mistura social. Em seguida, o impacto sobre o entorno que apresentam estes projetos, tanto econômica quanto urbanisticamente. O quarto elemento é a qualidade do desenho como fator diferencial no conjunto da cidade. O quinto e último elemento

é o efeito de marketing urbano como ferramenta atrativa para os diversos setores da cidade.

Esta política urbana teve um grande impacto internacional e foi decisiva para o desenvolvimento posterior da cidade. Barcelona recebeu diversos prêmios urbanísticos e foi mundialmente reconhecida por sua liderança no desenho de espaços urbanos em termos de imaginação, variedade e quantidade de soluções. A promoção do Modelo alcança grande relevância e *“su difusión o “exportación” a diversas ciudades latinoamericanas es un fenómeno realmente llamativo”*².

Nos primeiros anos, foram realizadas melhorias urbanas imediatas e evidentes por toda a cidade, com o objetivo geral de *“sanear el centro urbano y monumentalizar la periferia”*. Tratou-se basicamente de criar espaços dotados de referentes significativos nos bairros da periferia, dando-lhes continuidade urbana e evitando situações de degradação no centro histórico, bem como equilibrando sua densidade e usos.

O processo de requalificação urbana do Modelo Barcelona encara a cidade a partir dela mesma, de suas características e dificuldades próprias. Barcelona foi capaz valorizar seu potencial urbano, caracterizado em grande parte pela força do Ensanche, um de seus principais símbolos de identificação. Segundo Borja³,

“la validez de la trama Cerdà que favorece la polivalencia social y funcional, así como la circulación moderna y el equilibrio entre espacios públicos y alta densidad de actividades y residencia, eran ya un buen punto de partida”.

¹ Borja, Jordi. (2009). *Luces y sombras del urbanismo de Barcelona*. Barcelona, p.122

² Monclús, Francisco Javier. (2002). *El “Modelo Barcelona” ¿una fórmula original? De la “reconstrucción” a los proyectos urbanos estratégicos (1979-2004)*. Disponível em: <http://upcommons.upc.edu/revistes/bitstream/2099/703/1/art03-3.htm>. Barcelona, p. 8.

³ Borja, J. (1995). *Barcelona: Un modelo de transformación urbana*. Quito, p.8.

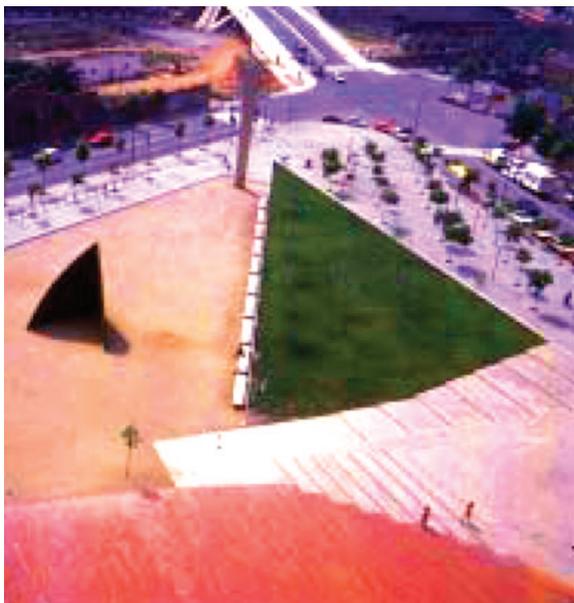


Fig.2.2- Plaça Del General Moragues: mais um novo espaço público construído na periferia da cidade no final da década de 80.

O início das transformações em Barcelona se deu através do Plano Geral Metropolitano (PGM), aprovado em 1976. Segundo o próprio Bohigas⁴, o PGM foi *“um instrumento a corregir, mejorar y transformar, de acuerdo con su propia predisposición a hacerlo”*.

Dentre outros fatores, o Plano possibilitou reservas de solo para espaços públicos e equipamentos, equilíbrio de usos e densidades e estabeleceu um sistema de ordenações e critérios de uso e forma dos espaços. Foi um documento urbanístico que expressou um compromisso com o futuro da cidade.

O PGM também iniciou as bases gerais de um tratamento que considera as singu-



Fig.2.3- Plaça de la Catedral foi um dos espaços públicos reabilitados na Ciutat Vella.

⁴ Bohigas, O & Espanya. (1986). *Reconstrucción de Barcelona*. Madrid, p. 11.

laridades do Ensanche. Este instrumento introduziu uma conscientização sobre a necessidade de manutenção do distrito, conduzindo a uma política de contenção dos serviços terciários e automóveis particulares, de recuperação e criação de espaços públicos e de um destaque para seus valores arquitetônicos e culturais.

A Ordenação para Reabilitação e Melhoria do Ensanche de 1986, e sua sucessora em 1994, iniciaram as modificações pontuais das idéias apresentadas pelo PGM, revisando a estrutura do setor a partir das situações atuais em que o Ensanche deveria ser o motor econômico da cidade e ao mesmo tempo, mantendo seu caráter residencial.

Outro importante instrumento para realizar as ações de reabilitação em Barcelona foram os Planos Especiais de Reforma Interior (PERIs), que ajustavam as propostas do PGM às necessidades e diferenças urbanas de cada bairro e mostravam aos cidadãos, de forma mais explícita, as melhorias urbanas em cada setor da cidade.

Em relação ao Ensanche, através da capacitação dos bairros existentes, permitiu-se a diminuição da dependência do downtown barcelonês⁵. Como resultado, reduz-se a pressão sob o distrito e articula-se uma política urbana que evita a substituição do uso residencial para o terciário.

Cabe destacar a relevância da política de descentralização territorial que faz parte dos conceitos previstos no PGM. Foram criadas

as “áreas de nova centralidade”, “en las que se daban especiales condiciones para acoger los nuevos tipos de edificios del sector terciario y equipamientos, en espacios obsoletos y de buena accesibilidad”⁶.

A capacidade de reestruturação de Barcelona estava nos recursos dos bairros e na área central, e que foram colocados em valor para reforçar a estrutura tradicional, repartindo as atividades.

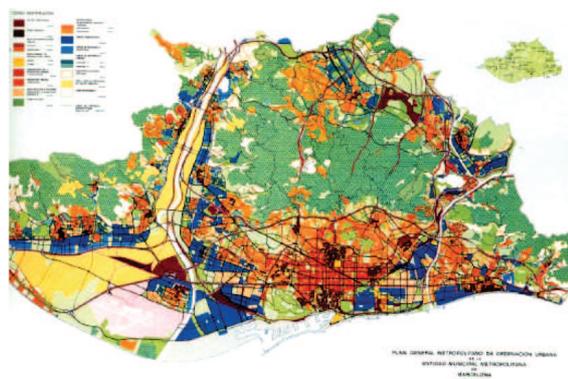


Fig.2.4- Plano Geral Metropolitano aprovado em 1976.



Fig.2.5- “Áreas de Nova Centralidade”: setores de oportunidade dentro do tecido urbano.

⁵ Busquets, J. (1994). *Barcelona: La construcció urbanística de una capital compacta*. Barcelona, p. 384.

⁶ Monclús, Francisco Javier. (2002). *El “Modelo Barcelona” ¿una fórmula original? De la “reconstrucción” a los proyectos urbanos estratégicos (1979-2004)*. Disponível em: <http://upcommons.upc.edu/revistes/bitstream/2099/703/1/art03-3.htm>. Barcelona, p. 8.

A idéia-força das propostas urbanas ia além do projeto em si e consistia na capacidade de transmitir para o entorno os seus efeitos positivos. O impacto na dinâmica local abrangia uma área de influência maior, regenerando todo seu entorno não só no âmbito urbanístico, mas também no econômico, social, e cultural, e conseqüentemente, estimulando o surgimento de outras intervenções.

O Modelo Barcelona atingiu seu ponto máximo em 1992, com os Jogos Olímpicos que funcionaram “*como catalizador ocasional de todos los proyectos estratégicos*”⁷. Foi a ocasião ideal para impulsionar uma transformação na cidade. Os setores mais afetados pela nova política olímpica foram quatro das doze áreas de nova centralidade: Montjuic, Diagonal, Vall d’Hebron e a Villa Olímpica. Foi também com os Jogos que Barcelona potencializou sua fachada marítima e definitivamente abriu-se ao mar.

Em relação à Vila Olímpica, a decisão de localizá-la no setor do Poblenou teve como motivo principal iniciar sua reestruturação urbanística a partir da substituição dos usos industriais pelos residenciais e terciários, além é claro de abrir a cidade ao mar, já que, entre as múltiplas qualidades do Plano Cerdà, não está a qualificação do borde marítimo⁸.

Um dos primeiros projetos paradigmáticos para esta zona foi o Plano da Ribeira, de 1965. Com o lema de “Barcelona, uma cidade que não pode continuar de costas para o mar”,

o projeto pretendia retirar a população do frente marítimo, pois as grandes indústrias estavam sendo realocizadas para áreas periféricas e queriam conseguir o máximo de pluvias do seu solo anterior. Tal iniciativa, de clara natureza especulativa, contou com uma forte mobilização social que, pouco a pouco, conseguiu desarticular o plano.

Enfim, por circunstâncias diversas, este tramo nunca havia sido uma fachada, e sim



Fig.2.6- As quatro áreas olímpicas: (1) Villa Olímpica, (2) Montjuic, (3) Vall d’Hebron, (4) Diagonal.



Fig.2.7- Plano da Ribeira, que redefinia todo o litoral de Barcelona, desde a Barceloneta até o Rio Besòs.

⁷ Monclús, Francisco Javier. (2002). *El “Modelo Barcelona” ¿una fórmula original? De la “reconstrucción” a los proyectos urbanos estratégicos (1979-2004)*. Disponível em: <http://upcommons.upc.edu/revistes/bitstream/2099/703/1/art03-3.htm>. Barcelona, p. 8.

⁸ Busquets, J. (1994). *Barcelona: La construcción urbanística de una capital compacta*. Barcelona, p. 392.

uma barreira solidificada pelo porto, pelas implantações industriais e pelas linhas de ferrocarril, degradada física e socialmente por muitas instalações antigas e pelo descontrole urbanístico⁹. O Programa Olímpico articulou a estrutura que se apoiava em um grande elemento linear ao longo da costa, com as novas praias, passeio marítimo, ronda litoral deprimida e a avenida litoral, intercalados com grandes espaços abertos que deveriam demonstrar identidade e inovação.

A reforma do frente marítimo reinterpreta o Plano Cerdà a partir de um pequeno ajuste das características formais que havia vindo sendo realizado no Ensanche e buscava-se integrar o Poblenou urbanisticamente, inovar a arquitetura e diversificá-lo socialmente, além de destiná-lo ao uso predominantemente residencial.

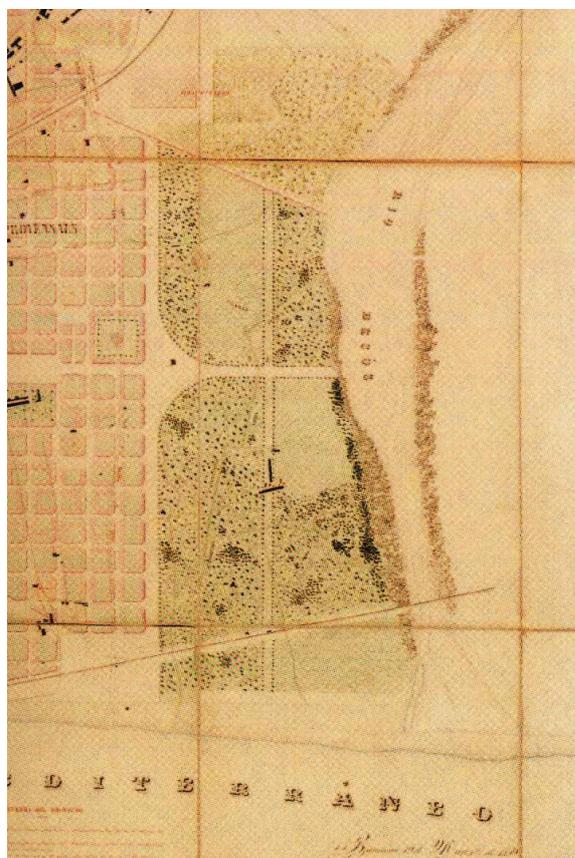


Fig.2.8- Detalhe do Parque Bèsos proposto por Cerdà no Projeto de Reforma e Ensanche de Barcelona de 1859.



Fig.2.9- Litoral de Barcelona nos anos 60 entre Barceloneta e Poblenou. Instalações industriais e barracas darão lugar à Villa Olímpica.



Fig.2.10- Frente marítimo transformado para os Jogos Olímpicos de 1992.

⁹ Bohigas, O & Espanya. (1986). *Reconstrucción de Barcelona*. Madrid, p. 69.

De qualquer maneira, Barcelona estava consciente dos motivos pelos quais queria sediar os Jogos Olímpicos:

“para lanzar la ciudad internacionalmente; para comprometer a la Administración del Estado en la construcción de la nueva ciudad; para atraer la inversión privada necesaria para la reconversión económica de la misma”¹⁰.

De fato, houve um avanço notável na colaboração entre administrações públicas e, mais tarde, com a cooperação público-privada, que formularam atuações que fossem além das Olimpíadas.

Esta ambiciosa fase de requalificação urbana assegurou maior riqueza e complexidade às estratégias dos anos anteriores também em sua escala, agora muito maior. O programa pretendia dar respostas às demandas olímpicas para atuar no tecido urbano da maneira mais eficaz e coerente possível, sempre considerando as necessidades e o futuro de Barcelona. Conforme apontou Borja¹¹,

“por primera vez en la historia de los acontecimientos olímpicos, una ciudad se plantea utilizarlos para reformarse, para construir un determinado modelo de ciudad.”

Exemplo disso é a criação da “ProEixample S.A.”, empresa municipal mista que busca continuar com o Plano de Revitalização do Ensanche, e impulsionar a reativação integral do distrito. Este programa vem requalificando todos os elementos do quarteirão, mediante as seguintes estratégias: renovação e regeneração de suas ruas e espaços

públicos, e construção de equipamentos; aquisição de interiores dos quarteirões para ganhar novos espaços de uso público, e zonas verdes; dinamização do Ensanche como centro comercial, de negócio, cultural, turístico e de lazer¹².

O plano de recuperação dos interiores dos quarteirões representa uma retomada do projeto inicial de Cerdà, e vem evoluindo muito positivamente desde a criação da ProEixample. A seleção do quarteirão a ser recuperado baseia-se em dois aspectos. Primeiro, no seu grau de dificuldade, vinculado ao tamanho da superfície, ao número de proprietários, se está edificado seu interior e subsolo, e se é desenvolvida alguma atividade no local. Segundo, na localização do quarteirão dentro do distrito, dando-se preferência às zonas em que há menos quarteirões recuperados.

Estes espaços formam parte do quarteirão edificado e estabelecem uma realidade urbana contínua que enriquece as ruas do Ensanche. A reabilitação destes espaços livres gera diversidade na paisagem, complementam a malha urbana e reforçam a capacidade transformadora deste tecido urbano.

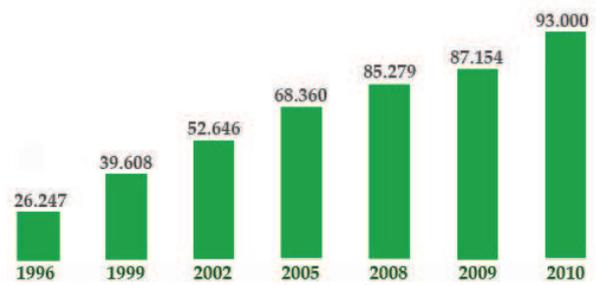


Fig.2.11-Evolução da superfície de pátios recuperada em m², desde a criação do ProEixample.

¹⁰ Borja, J. (1995). *Barcelona: Un modelo de transformación urbana*. Quito, p. 53.

¹¹ Borja, J. (1995). *Barcelona: Un modelo de transformación urbana*. Quito, p. 57.

¹² Ajuntament de Barcelona. ProEixample. Departament Urbanisme. Disponível em www.proeixample.cat.



Fig.2.12 e 2.13- Jardins de Lina Ordena, antes e depois de sua recuperação pelo Programa ProEixample.



Fig.2.14 e 2.15- Jardins de Sebastià Gasch, antes e depois de sua recuperação pelo Programa ProEixample.

Contudo, não é de se surpreender que, superado o compromisso com as Olimpíadas, o ritmo dos investimentos do setor público diminuiria. As principais alterações urbanas neste período foram a redefinição do sistema viário, a culminação de algumas “áreas de nova centralidade” e o surgimento de novos eixos urbanos, como acontece no território do bairro Poblenou. Dois projetos comumente citados para demonstrar esta fase de declínio são o Fórum 2004 e a Diagonal-Mar. Segundo Borja¹³, nos dois casos

“la arquitectura se impone al urbanismo de la misma forma que el formalismo urbanístico se impone a los contenidos y los usos sociales”.

Uma nova dimensão do Projeto da Diagonal-Mar, contudo, surgirá em alguns anos, quando o Projeto 22@ estiver mais consolidado no território. A introdução de uma nova zonificação que propunha a mudança dos antigos usos industriais deste setor para a atividade industrial terciária ligada à “nova economia”, denominada 22@, poderia permitir a reativação da atividade produtiva dentro da cidade.

¹³ Borja, Jordi e Muxí, Zaida. (2004). *Urbanismo em el siglo XXI: una visión crítica*. Barcelona, p. 179.

Este Projeto se enquadra no conceito de requalificar de zonas obsoletas e aproveitar espaços vazios, que ocorreu durante o Modelo Barcelona. No tradicional bairro do Poblenou, utilizou-se o propósito de construção da Vila Olímpica e suas operações de articulação viária em preparação aos Jogos de 1992 para renovar a antiga zona industrial que se encontrava em desuso e separava a cidade do mar.

Este bairro já era um espaço urbano consolidado, que carecia de um processo de requalificação global para ser revalorizado, cuidando sempre da sua firme inserção urbana. Com todo o potencial que apresentava o Poblenou, por seu tecido urbano rico e complexo, por sua excelente localização e pelas intervenções propostas para a zona, tornou-se uma importante área de nova centralidade de Barcelona.

A reorientação deste setor como uma área de “nova economia” requer um amplo programa de atuações de melhoria geral do espaço público com capacidade de facilitar as dinâmicas de sinergia, e assim oferecer uma imagem urbana atrativa.

No contexto contemporâneo, muitas cidades buscam promover sua imagem através da tecnologia da informação e comunicação. Desde os anos 70 a idéia de city marketing fazia parte das estratégias do Modelo Barcelona, e foi enfatizada de modo especial na época dos Jogos Olímpicos quando a atração de turistas e investidores era primordial. O período pós-olímpico consolidou a “marca



Fig.2.16- Indústrias obsoletas no Poblenou, antes do 22@.



Fig.2.17- Projeto 22@, que faz parte das estratégias de renovação urbana de Barcelona.

Barcelona”, que vem orientando a cidade a um entorno mundial competitivo e atualmente caminha em direção ao setor criativo. O Projeto 22@ trata de relocar o Poblenou ao centro da Barcelona pós-industrial, “para situar a la ciudad en una buena posición para competir con otras poblaciones europeas en la nueva sociedad tecnológica”¹⁴.

Cabe mencionar também que várias discussões são feitas sobre a etiqueta de “modelo”, referindo-se ao processo de transformação urbana de Barcelona nos anos 80.

¹⁴ Marrero, Isaac. (2003). *¿Del Manchester catalán al Soho barcelonés? La renovación del barrio del Poblenou en Barcelona y la cuestión de la vivienda*. Universitat de Barcelona. Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales. Disponível em [http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146\(137\).htm](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146(137).htm). Barcelona, p. 7.

Curiosamente, o Projeto 22@ está sendo considerado um “novo modelo de fazer cidade”, desta vez

“de alta calidad, compacto, mixto y sostenible, porque la ciudad resultante, es más equilibrada, más híbrida, ecológicamente más eficiente, con más fuerza económica y más cohesionada”¹⁵.

Resta aguardar alguns anos para comprovar o impacto urbano do distrito e descobrir se o conceito de “modelo urbanístico” foi aplicado de forma coerente. Para um “modelo atual” Montaner¹⁶ sugere que

“debería ser más social e imaginativo, expresión de los deseos de la ciudadanía, para que la democracia local logre contrapesar el dominio de los intereses de la globalización neoliberal”.

Controvérsias à parte, o Projeto 22@ é de enorme relevância para a cidade e, por estar em pleno processo de construção, é uma oportunidade de superar os equívocos de experiências anteriores e converter-los em alternativas positivas que irão potencializar as dinâmicas urbanas atuais.

“Y la mayor complejidad actual, o nuestra mayor capacidad ejecutiva no puede servir de coartada a las nuevas “infracciones” urbanas como las que hace pocas décadas inundaron nuestras ciudades”¹⁷.

Em relação aos espaços públicos, baseando-se na experiência adquirida nas últimas décadas, o Projeto 22@ adquire mais responsabilidade em gerar exemplares de qualidade. Estes foram os grandes protagonistas do Modelo Barcelona e alcançaram notável destaque na cidade, que se tornou mais agradável devido ao alto número e qualidade de seus espaços públicos. A população criou uma “consciência urbanística” e o urbanismo passou a ser um tema polêmico entre os cidadãos.



Fig.2.18- Situação atual dos espaços verdes (em verde) e equipamentos (em azul) no Ensanche.

¹⁵ Ajuntament de Barcelona. *22@barcelona, El districte de la innovació*. Departament Urbanismo. Disponível em: www.22barcelona.com.

¹⁶ Montaner, Josep Maria. (2007). *El Modelo Barcelona*. Jornal El País. Tribuna: Josep Maria Montaner. Disponível em http://www.elpais.com/articulo/cataluna/modelo/Barcelona/elpepiespcat/20070612elpcat_8/Tes.

¹⁷ Busquets, J. (1994). *Barcelona: La construcción urbanística de una capital compacta*. Barcelona, p.447.

Como mencionado anteriormente, o espaço público demonstrou papel fundamental na reconstrução da cidade a partir de meados dos anos setenta, período em que se reavivou o interesse pela configuração e função destes espaços. Multiplicou-se seu uso, tanto no centro como na periferia.

Além de criar lugares de qualidade para o tecido urbano, os espaços públicos tinham como objetivo promover um intenso e diversificado uso social, estimular atividades e dar início a novos grupos coletivos, garantindo a manutenção e a segurança dos habitantes. Podem ser considerados como principais determinantes da qualidade de vida de uma cidade.

A concretização do amplo processo de criação de novos espaços públicos foi facilitada pela falta de uso e desocupação de antigas áreas industriais e terrenos de serviços urbanos que foram perdendo sua funcionalidade com o passar do tempo. A seleção foi feita considerando os espaços mais disponíveis que estivessem em um contexto urbano mais denso e proveitoso.

Além disso, a política social urbana de descentralização estabelecida no período em questão estimulou a criação de espaços e equipamentos públicos em todos os bairros, favorecendo também sua reativação econômica e a qualificação dos espaços urbanos de todo o entorno.

De fato, em relação às prioridades de ação, Borja¹⁸ aponta que *“se eligen los espacios más centrales dentro de cada tejido urbano, con la voluntad de que en cada oleada de proyectos cada distrito o sector esté representado”*.

Esta maneira de pensar na condição conjuntural de cada projeto é uma das estratégias mais interessantes de espaços urbanos da Barcelona dos anos 80.

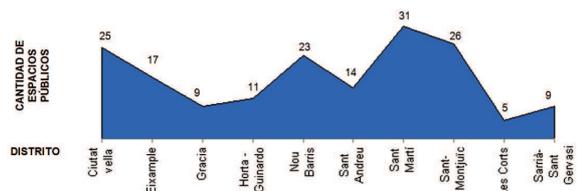


Fig.2.19- Quantidade de intervenções em espaços públicos realizadas em cada distrito de Barcelona entre 1981-2004. Destaque para Sant Martí (Poblenou), outra área olímpica (Montjuic) e centro.

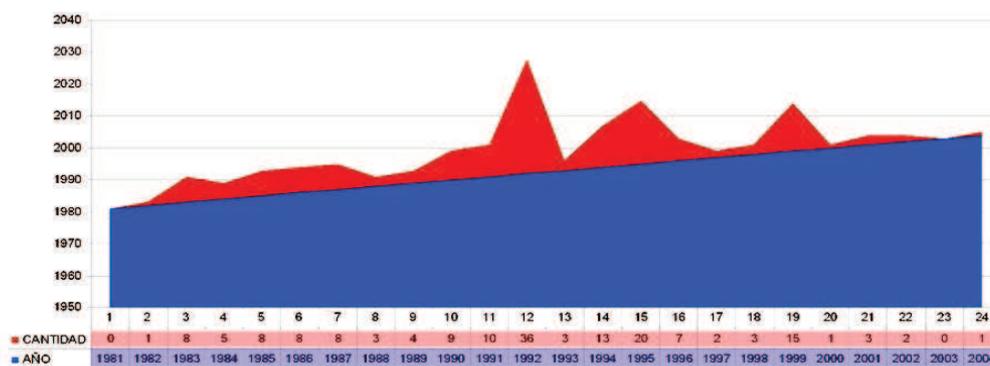


Fig. 2.20- Gráfico que aponta as quantidades de intervenções em espaços públicos realizadas em Barcelona entre 1981 e 2004. Nota-se a alta concentração de intervenções no ano olímpico (1992). Elaborado pela autora para a matéria *“La construcción el espacio público para todos”*.

¹⁸ Borja, J. (1995). *Barcelona: Un modelo de transformación urbana*. Quito, p. 79.

A arquitetura e escultura também tiveram um papel essencial no desenho do semblante público de Barcelona, especialmente neste período, no qual surgiu uma preocupação pelo simbolismo do espaço urbano. Novos parques e praças foram criados sob o lema “levar os museus às ruas”, portando consigo uma obra de arte de um artista de prestígio internacional. Assim, as características exclusivas de cada espaço eram enfatizadas por seu desenho e por suas obras de arte, criando identidade própria.

Com os Jogos Olímpicos de 1992, a grande quantidade de atuações urbanísticas e arquitetônicas teve seu processo de criação bastante acelerado. Metade destas atuações consistia em espaços públicos abertos, de diferentes escalas, que deveriam albergar todos os turistas e participantes do evento,



Fig.2.21- Joan Brossa 1984, no entorno do antigo velódromo.



Fig.2.22- Chillida 1986, na Plaza del Rey.

além de responderem às demandas da cidade pós-olímpica. A estratégia global de desenvolvimento urbano, proveniente da criação dos diversos espaços públicos, converteu Barcelona definitivamente em um modelo de intervenção urbana.

Na etapa pós-olímpica, houve uma atitude renovada correspondente às intervenções urbanísticas, que deveriam ser mais seletivas e orientadas ao desenvolvimento econômico e funcional da cidade. Foi aí que começou o lançamento de projetos como instrumentos de promoção urbana e renovação da imagem da cidade. Segundo Monclús, neste período houve maior protagonismo da lógica privada e do planejamento flexível que aceleraram certos processos de mercantilização e tematização da cidade. Os espaços públicos passaram a funcionar como elementos extraordinários de city marketing¹⁹.

De qualquer forma, é indiscutível a valorização dada à criação e recuperação dos espaços públicos a partir da década de 80. Porém, vale ressaltar que esta idéia não surgiu no Modelo Barcelona, e sim em meados do século XIX, quando Cerdà projeta o Eixanxe. Ele determina diferentes escalas de espaços de convivência, desde os pátios dos interiores dos quarteirões até os grandes parques metropolitanos. Borja²⁰ destacou que

“los nuevos rumbos de los años ochenta nos devolvieron la cultura de Cerdà, el urbanista de la cuadrícula que declaró: “en la ciudad las calles no son carreteras” y la priorización de los espacios públicos como estrategia de “hacer ciudad sobre la ciudad”.

¹⁹ Monclús, Francisco Javier. (2002). *El “Modelo Barcelona” ¿una fórmula original? De la “reconstrucción” a los proyectos urbanos estratégicos (1979-2004)*. Disponível em: <http://upcommons.upc.edu/revistes/bitstream/2099/703/1/art03-3.htm>. Barcelona, p. 11.

²⁰ Borja, Jordi e Muxí, Zaida. (2004). *Urbanismo em el siglo XXI: una visión crítica*. Barcelona, p. 191.



Fig.3.1- Antiga fàbrica Can Framis, agora convertida en museu.

3 O Projeto 22@

Introdução ao Projeto 22@

O bairro do Poblenou foi uma das concentrações industriais mais importantes da Espanha, sendo conhecido como a “Manchester catalã”. A história do bairro está estreitamente ligada à história industrial da Catalunha e começa com empresas têxteis, pequenas fundições e ateliês, depois indústrias alimentícias, e vai até as químicas, metalúrgicas entre outras. Ao mesmo tempo, organiza-se uma população entre as zonas industriais, formando um bairro extenso que tinha como centro a Rambla do Poblenou.

Estas indústrias entraram em crise nos anos 70, que coincide com uma crise econômica mundial e principalmente com o desenvolvimento de zonas mais adequadas para o assentamento das indústrias modernas, com destaque para a Zona Franca. Além disso, Capel¹ destaca que “Otros (traslados) son puramente especulativos y tratan precisamente de aprovecharse de las plusvalías generadas por el crecimiento urbano”. A partir daí o processo de abandono foi se

intensificando, acentuando-se nas décadas de 80 e 90, quando o bairro sofreu fortes tensões para transformar-se em uma zona residencial.

No final do século evidenciou-se uma necessidade cada vez mais explícita de atuar no solo industrial restante que abrangia 198ha, equivalentes a 115 quarteirões do Ensanche, distribuídos em três grandes áreas localizadas ao redor do núcleo histórico do bairro. Borja² chama a atenção para estes espaços urbanisticamente pouco claros e abandonados e aponta que é precisamente

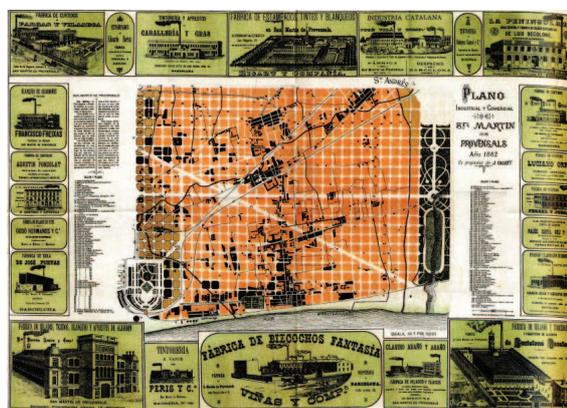


Fig.3.2- Plano de instalações industriais e comerciais do Poblenou, 1872.



Fig.3.3- Poblenou, a “Manchester Catalã”.

¹ Capel, Horácio.(2006). *De nuevo el Modelo Barcelona y el debate sobre el urbanismo barcelonés*. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/b3w-629.htm>. Barcelona, p.11.

² Borja, J. (1995). *Barcelona: Un modelo de transformación urbana*. Quito, p. 94.

sua desertização que confere mais valor a estas articulações, pois é a partir do seu potencial edificatório e, portanto, funcional que se podem converter em pólos de centralidade para albergar novas funções urbanas.

Neste contexto, durante os anos 1998 e 1999, produziu-se um intenso debate para conseguir a transformação desta zona e o instrumento resultante é a Modificação do Plano Geral Metropolitano (MPGM). Tal regulação foi aprovada em julho de 2000 e determina a renovação dos solos industriais do Poblenou, concordando em manter a capacidade produtiva deste território como grande aposta estratégica de Barcelona.

Este plano introduziu formas de atuação inéditas na transformação da cidade que começou 20 anos atrás. Tratava-se de intervir no processo de evolução do tecido urbano como novidade metodológica na determinação de instrumentos urbanísticos a partir do desenvolvimento do PGM de 1976. Com estes recursos operativos, coerentes com a ambição estratégica de transformação da cidade, iniciava-se uma nova etapa da recente crônica urbana de Barcelona³.



Fig.3.4- Poblenou, 1987. A indústria pesada já não estava presente no bairro e as intervenções do frente marítimo ainda não haviam começado.

³ Clos, O., & Barcelona. (2008). *Barcelona, transformación: Planes y proyectos*. Barcelona, p. 16.



Fig.3.5- Poblenou, 1993. Logo após os Jogos Olímpicos de 92, nota-se as transformações do frente marítimo e a definição da Plaza de las Glórias.



Fig.3.6- Poblenou, 2005. Destaca-se a abertura da Avenida Diagonal, o entorno do Fórum 2004 e a Diagonal-Mar. Nota-se também o início das obras do Distrito 22@.

Desde o final da década de 70, o urbanismo de Barcelona vem seguindo uma evolução sem rupturas conceituais, incorporando novos critérios que atendessem às complexidades das transformações da cidade. Antes dos Jogos Olímpicos, as ações de renovação se centravam especialmente no espaço livre, promovido pelo setor público, bastante centralizado. Depois de 92, o espaço público mantém o protagonismo, mas o objeto de atuação passa ser cada dia mais o tecido urbano como um todo, que demanda um marco administrativo descentralizado, além de uma colaboração mais direta entre os setores público e privado. Nos últimos anos, vem-se desenvolvendo projetos urbanos estratégicos que abrangem programas mistos de edificação residencial e terciária, serviços e infra-estrutura, unidos por espaços de uso coletivo, públicos ou privados.

É neste contexto, com a aprovação da MPGM, que surge o Projeto 22@. Consta de um novo modelo de renovação urbana, caracterizado por sua natureza compacta, sustentável e diversa. Esta renovação é baseada na substituição da qualificação urbanística anterior “22a”, que estabelecia um uso exclusivamente de indústrias para o “22@”, que admite atividades de uso intensivo em tecnologia, informação e comunicação. A MPGM é a referência normativa que irá estruturar a transformação progressiva da área industrial do Poblenou, sobre as bases morfológicas do Ensanche de Cerdà, e potencializar a implantação das novas atividades econômicas, intensivas em conhecimento e mais eficientes na utilização do espaço.

Para isso, se utilizam mecanismos normativos flexíveis, abertos e ajustáveis, que se adaptam à situação específica de cada lugar, reconhecendo as especificidades das morfologias, dos usos atuais e da estrutura de divisão do solo que é predominantemente privatizado. Tais mecanismos garantem o controle público de todo o processo de transformação e o retorno das *plusvalias* geradas para a cidade.

Estabelecem-se iniciativas de dimensões bastante variadas que vão desde pequenas atuações em parcelas existentes até grandes planos em conjuntos de quarteirões. Também se considera a combinação equilibrada de ações relativas à permanência e substituição de elementos existentes, tendo sempre o quarteirão de Cerdà como referência de atuação. Estes fatores são importantes para assegurar a continuidade produtiva e evitar a ruptura de processos de evolução urbana.

O projeto 22@ pretende alcançar dois objetivos principais: a renovação urbana e renovação econômica do Poblenou. Como projeto de renovação econômica, constitui uma oportunidade única de devolver ao Poblenou sua condição de pólo industrial de Barcelona e convertê-la em uma das cidades mais dinâmicas e inovadoras em âmbito internacional⁴. Para isso, conta-se com a criação de áreas de excelência, ou “clusters” em conhecimento, através da concentração das diversas empresas na zona. Também se potencializa a capacidade de inovação destas empresas, favorecendo a atração de novos projetos empresariais mais inovadores. Consequentemente espera-se produzir no-

⁴ Ajuntament de Barcelona. *22@barcelona, El districte de la innovació*. Departament Urbanismo. Disponível em: www.22barcelona.com.



Fig.3.7- Limites do Projeto 22@ dentro do território do Poblenou.

vas redes de relação formais e informais que podem estimular a criação de projetos colaborativos, promovendo a interação entre eles e melhorando a coesão social deste tecido urbano.

Como renovação urbana, busca reinterpretar as funções do antigo tecido industrial e adaptá-las às novas demandas. Este processo se engloba ao conjunto de transformações propostas para este setor, juntamente com o Plano Sant Andreu- Sagrera, a melhora urbana da Praça das Glórias e as infra-estruturas do Fórum Universal das Culturas 2004. Quando se completarem todas as atuações previstas, será definido um tecido misto e híbrido, estruturado sobre as exigências das infra-estruturas e continuidade da vialidade supra-municipal⁵. É, sem dúvida, uma importante área de centralidade urbana, localizada em um ponto estratégico de notável acessibilidade, tanto municipal como metropolitana.

⁵ Clos, O., & Barcelona. (2008). *Barcelona, transformación: Planes y proyectos*. Barcelona, p. 18.



Fig.3.8- Vista do Poblenou. Em azul destaca-se a área do Projeto 22@.

Uma das bases para este projeto de renovação urbana é o aumento da densidade do território. Como se sabe, a cidade compacta favorece as sinergias entre os diversos atores urbanos e proporciona um uso mais racional do solo. Por isso, o 22@ supera a baixa densidade típica das zonas industriais e aumenta a edificabilidade do setor. Este aumento colabora para reurbanizar todas as ruas e para gerar solos de cessão gratuita à comunidade.

Outra base é o incentivo às atividades relacionadas ao conhecimento, denominadas “atividades @” e se caracterizam por utilizarem tecnologias da informação e comunicação. A convivência destas atividades inovadoras com as atividades tradicionais do bairro cria um tecido produtivo rico e variado que favorece a competitividade do conjunto empresarial.

A implantação de infra-estruturas avançadas é um dos pontos mais diferenciadores deste projeto. Foi criado um Plano Especial

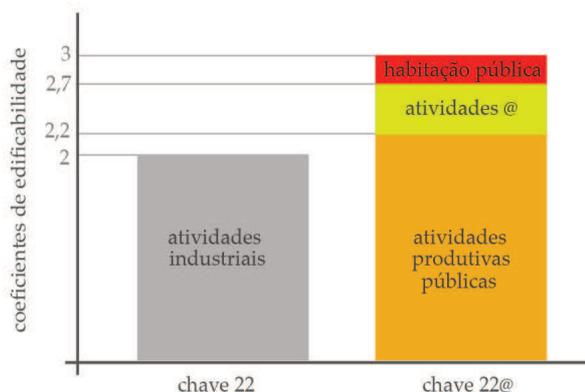


Fig.3.9- Gráfico de coeficientes de edificabilidade.

de Infra-Estruturas que determina a reurbanização de 37km de ruas com serviços altamente competitivos e modernos, além de priorizar a eficiência energética dos mesmos. Vale destacar que um sistema de galerias de serviços subterrâneos é desenvolvido no interior dos quarteirões, liberando o espaço das vias públicas.

A convivência de espaços produtivos com espaços residências também é incentivada, permitindo que se viva perto do lugar de trabalho e favorecendo o desenvolvimento do comércio local. Assim, serão recuperadas cerca de 4.600 residências e outras 4.000 serão construídas, garantindo a vitalidade e a utilização das ruas e espaços públicos ao longo de todo o dia.

No 22@, 10% do solo é destinado aos espaços públicos e 114.000m² de novas zonas verdes serão criados. Se estabelece um alto padrão de qualidade para estes espaços, que serão discutidos adiante mais detalhadamente.



Fig.3.10- Edifício de escritórios Media TIC, 2009.



Fig.3.11- Zona do Campus de Áudio Visual, 2005.

O patrimônio industrial do Poblenou representa a forte identidade do bairro e o22@ propõe a recuperação dos símbolos desta memória histórica. Os novos edifícios e espaços públicos devem conviver de maneira coerente com os elementos representativos do passado industrial do bairro para criar um entorno diverso e de grande valor cultural.

Portanto, para aproveitar o potencial da estrutura urbana já instalada neste tecido tão rico e diverso, a cidade deve se transformar e conseguir instalar novas atividades produtivas, oferecendo espaços inovadores, variedade de residências e serviços adequados. Há de se permitir a combinação de tais atividades com os usos urbanos, criando espaços de diversidade e, principalmente, reconhecendo seus espaços públicos como principais estruturas de apoio a esta transformação. São eles os grandes promotores da interação entre os diversos atores urbanos.



Fig.3.12- Hotel Habitat Sky do arquiteto Dominique Perrault se contrasta com a arquitetura típica do Poblenou.



Diversidade tipológica.

Fig.3.13- Universidade Pompeu Fabra, 2008. Edifícios tradicionais do Poblenou e elementos de interesse histórico se mesclam com a arquitetura contemporânea do 22@.

O papel dos espaços públicos no Projeto 22@

O espaço público demonstrou papel fundamental na revoção de tecidos e bairros da cidade, especialmente a partir da década de 80 com o Modelo Barcelona. Por isso, para qualquer proposta de projeto urbanístico, é importante considerar as estratégias que foram utilizadas naquele período, bem como as origens dos ensaios experimentais destes espaços públicos que conformaram um estilo de ações específico da cidade.

No caso do Distrito 22@, pelo fato de estar localizado sobre a malha do Ensanche, torna-se fundamental que seus espaços públicos além de responderem às necessidades específicas deste novo modelo de cidade compacta, também estejam em coerência com a quadrícula de Cerdà. O equilíbrio entre estas duas realidades é o ponto de partida para a qualidade e a consolidação dos espaços públicos e dos 114.000m² de novas zonas verdes que serão criadas.



Fig.3.14- Mapa espaços verdes do Poblenou. Em destaque, os limites do 22@.

O espaço público é o elemento de suporte da estrutura urbana, das relações e atividades e, por isso é a principal estrutura de coesão e apoio à configuração da cidade. O 22@ propõe a implementação de um sistema de espaços públicos e verdes em todas as escalas,

“La estructura de los espacios verdes de Poblenou se propone con una secuencia de medidas, donde los grandes espacios- Parc Litoral, futura Plaza de las Glòries, Parc Central, etc.- se extienden gradualmente hacia las plazas y pasajes de medidas inferiores vinculadas a la edificación, convirtiéndose en verdaderos espacios de relación entre los diferentes usuarios”⁶.

O próprio Cerdà já propunha essa lógica de distribuição em escala de espaços verdes através do seguinte esquema: *“En cada calle debería haber una placita, en cada barrio una plaza y en cada barrio un jardín”⁷.*

Outro conceito que fazia parte do Plano Cerdà e está presente nas propostas do Projeto 22@ é o de continuidade urbana de seus espaços livres, que fazem parte indissociável do quarteirão edificado. Tal integração não se trata simplesmente de infiltrar o verde no tecido urbano e sim de estabelecer condições de relação, acessibilidade, proximidade, uso e de organizar a permeabilidade das edificações adjacentes a estas áreas livres.



Diferentes escalas de espaços públicos presentes no Poblenou:

Fig.3.15- Espaço livre no interior de um quarteirão do 22@.

Fig.3.16- Parque Diagonal Mar.

⁶ Ajuntament de Barcelona. *22@barcelona, El districte de la innovació*. Departament Urbanismo. Disponível em: www.22barcelona.com.

⁷ Citado em Marzá, Fernando; Magrinyà, Francesc. (2009). *Cerdà : 150 años de modernidad*. Barcelona, p. 222.

O equilíbrio entre os espaços construídos e livres no 22@ é alcançado através do aumento da edificabilidade, que estabelece um uso do espaço urbano mais compacto e racional, além de gerar novas zonas verdes, equipamentos e residências. Este equilíbrio é essencial para criar um tecido urbano de qualidade e também é uma idéia-chave da teoria de Cerdà, expressa na frase “ruralizar o urbano e urbanizar o rural”.

No 22@, o contraste da compacidade do tecido, especialmente denso e ocupado, em relação vazio que o envolve cria limites complexos e aporta novas formas de definir o papel dos espaços livres nos interiores dos quarteirões. Para Richard Rogers⁸, *“Public spaces between buildings influences both the built form and the civic quality of the city. A balance between the public and private domain is central, buildings and their surrounding spaces should interrelate and define one another”*.



Fig.3.17- Salò Llull: O jogo de volumes e pórticos cria novos trajetos urbanos dentro do quarteirão.

As novas dinâmicas nos espaços públicos do 22@ parecem ser mais abertas e definem novas relações com seu entorno. É importante que se mantenha a legibilidade do espaço comum, ou seja, mesmo com a diversidade e integração de atividades propostas para estes lugares, espera-se que a definição do que é espaço público e privado seja clara. Porém, o arquiteto Eduard Bru⁹ apontou que, apesar da malha de Cerdà suportar diversas situações urbanas adversas, *“Hay una indefinición: ¿esto es espacio público o privado? Esta indefinición la estamos produciendo en cantidades considerables en el 22@”*.

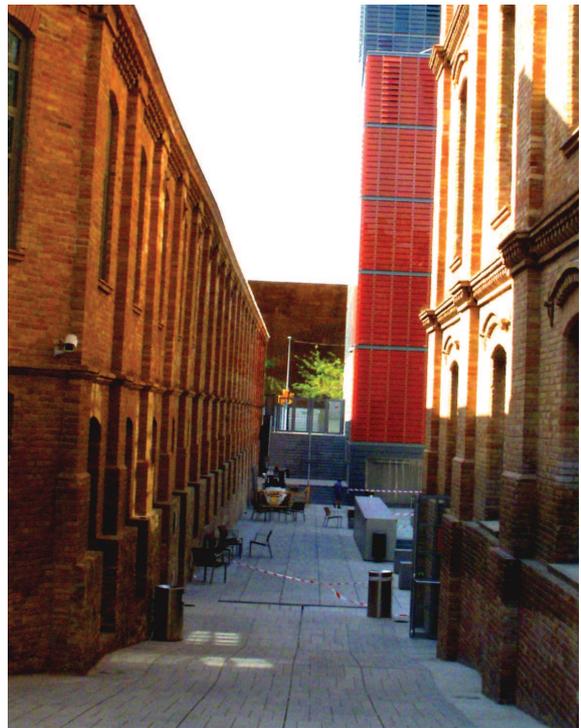


Fig.3.18- Universidade Pompeu Fabra: o espaço entre os edifícios define um espaço público ligado às vias urbanas.

⁸ Rogers, R. (1999). *Towards an Urban Renaissance. Final Report of the Urban Task Force Chaired by Lord Rogers of Riverside*. Londres, p. 8.

⁹ VVAA. (2009). *Barcelona metrópolis: revista de información y pensamientos urbanos*. Número 76. Reportagem “Cerdà hasta el infinito”. Barcelona, p. 100.